

DA TEORIA À PRÁTICA: CATEGORIAS FREIREANAS TECENDO SENTIDOS NA EJA

AUTORAS:
ROSILENE FELIX MAMEDES
REGINA CELI DELFINO DA SILVA
CHRISTIANNE NOGUEIRA DONATO FORMIGA



Da teoria à prática: categorias freirianas tecendo sentidos na EJA
VOL 4

AUTORAS:

Rosilene Felix Mamedes

Regina Celi Delfino da Silva

Christianne Nogueira Donato Formiga

Publicação:



ISBN 978-65-5886-035-8



Capa e Projeto Gráfico: SAL DA TERRA

Direitos reservados à

**Sal da Terra e a
Contatos
Empreendimentos**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da editora.

© da edição: Editora Sal da Terra, João Pessoa, dezembro de 2020.

MAMEDES, Rosilene Felix; SILVA, Regina Celi Delfino da; FORMIGA, Christianne Nogueira Donato. Da teoria à prática: categorias freirianas tecendo sentidos na EJA. Vol.4. 2020.

COMISSÃO EDITORIAL

Dra. Veridiana Xavier Dantas

Ma. Rosilene Felix Mamedes

Esp. Vanderson Douglas

Esp. Nadja Maria de Menezes

COMISSÃO TÉCNICA

Kelly Dias Moura

Michele Teixeira Pontes

PREFÁCIO

A coleção da teoria à prática é resultado das vivências do Grupo de Estudo Rosilene Felix Mamedes, que atua há dez anos, com docentes, especialmente, da rede pública de ensino. Ao longo dessa trajetória o grupo vem produzindo conteúdo acadêmico em eventos científicos. Nesse sentido, dando continuidade ao frutífero trabalho do grupo, nasce a coleção “Da teoria à Prática” que tem como principal objetivo unir a teoria, de uma forma mais simples às práticas pedagógicas de atividades voltadas para discentes que estão em contexto de aprendizagem. Entendemos que a partir de 2017 com a nova BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR-BNCC, faz-se necessário que tanto os profissionais que estão à frente da missão de ensinar, bem como os pais/ responsáveis pelos discentes precisam de um olhar mais cuidadoso para os fins da aprendizagem significativa a partir de práticas pedagógicas orientadas e, sobretudo, direcionadas para que estes possam desenvolver as habilidades e competências dos discentes a partir de um dado objetivo. É nesse sentido, que a coleção “Da teoria à Prática” chega em 2021, com atividades programadas, esquemas didáticos e orientações de propostas desenhadas para que tanto o docente, como os pais ou responsável, ou até mesmo o discente possa desenvolver suas habilidades e competências, já que a atividade será toda norteada e guiada pelo fio condutor do princípio do ensino-aprendizagem.

Para isso, essa coleção será dividida em séries, com volumes bem definidos por tema. A primeira série será organizada em 04 (quatro volumes) que seguirão as temáticas: **Vol1: Da teoria à prática: construindo sentidos a partir de práticas de letramentos orais e escritos**- Este volume trará a teoria a partir da BNCC (2017), sendo guiada pela base teórica do Letramento e dos gêneros textuais para aluno em contexto de aprendizagem. Além disso, contemplará três seções: Letramento oral, letramento escrito e Letramento inclusão; **Vol2: Da teoria à prática- jogos e TIC'S em contextos de práticas de aprendizagem**- Este volume será destinado a desenvolver práticas de atividades pedagógicas com jogos e a partir das novas tecnologias educacionais, com uso de ferramentas educacionais que podem auxiliar no ensino-aprendizagem dos discentes. Este volume contemplará a educação a partir de propostas para os níveis fundamentais, com atividades de alfabetização, língua portuguesa, matemática e inclusão; **Vol3: Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes**- Para este volume será explorado propostas pedagógicas para

alunos surdos e ouvintes, a partir de atividades inclusivas que sejam resguardadas nos documentos oficiais para o ensino da Libras como L2.

Por fim, o **Vol4: categorias freirianas tecendo sentidos na EJA** em comemoração ao ano de Freire, o pai da EJA, trazemos o debate e vivências a partir de propostas pedagógicas e relatos de experiências de profissionais que trabalham com essa modalidade e ensino e vêm desenvolvendo projetos e atividades exitosas.

Os volumes **5- Da teoria à prática: jogos e TIC'S em contextos de práticas significativas de aprendizagem; 6 Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramento orais e escritos- construindo sentidos a partir de práticas de letramento oral e escrito** e o **7 Da teoria à prática: Educação, saúde e movimento-** foram destinados a temas voltados para a prática significativa de aprendizagem.

Já os volumes **8 Da teoria à prática: Desenvolvendo habilidades de leitura e escrita no Ensino Fundamental** e **9 Da teoria à prática: da formação do professor à prática pedagógica na aplicação do currículo e da avaliação**, desenvolvidos em 2021 deram continuidade a proposta de aliar a teoria à prática tendo como norte os temas leitura, avaliação e currículo.

Assim, convidamos a todos a passearem pela nossa coleção: Da teoria à prática e desfrutar de atividades realizadas por docentes que estão imersos no contexto de ensino-aprendizagem.

Tenham uma boa leitura e uma excelente prática pedagógica auxiliada pela mediação e a interação proposta pela obra.

Rosilene Felix Mamedes

Mestra em Linguística- PROLING-UFPB

Doutoranda em Letras- PPGL-UFPB

Diretora acadêmica da Contatos Empreendimentos Educacionais

04-12-2020

SUMÁRIO

DIÁLOGO E PARTICIPAÇÃO CATEGORIAS ESSENCIAIS À PERMANÊNCIA DOS EDUCANDOS DA EJA.....	8
Regina Celi Delfino da Silva	
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	19
Christianne Nogueira Donato Formiga	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29

DIÁLOGO E PARTICIPAÇÃO CATEGORIAS ESSENCIAIS À PERMANÊNCIA DOS EDUCANDOS DA EJA

Regina Celi Delfino da Silva

regina-delfino@uol.com.br

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA: ementa Trajetórias de vida e perspectivas pessoais e sociais na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A dimensão educativa do diálogo e da participação para o fortalecimento dos educandos da EJA. Permanência na EJA.

TÓPICOS:

- Trajetórias de vida dos educandos;
- Diálogo e Participação;
- Permanência na EJA.

OBJETIVO GERAL: Resgatar trajetórias de vida dos educandos através do diálogo e da participação visando seu fortalecimento pessoal e social para a permanência na EJA.

ESPECÍFICOS

Realizar oficinas temáticas para fins de coleta de dados visando trazer memória da trajetória pessoal e coletiva dos educandos da EJA.

Fortalecer as identidades pessoais e sociais dos educandos;

Identificar as expectativas dos educandos em relação à escola

Incentivar o diálogo e a participação coletiva em um encontro para apresentar o resultado dos dados coletados.

MARCO TEÓRICO

Um dos grandes desafios da modalidade EJA a ser enfrentado consideramos ser a permanência dos educandos da EJA na escola. Historicamente denomina-se de evasão escolar, mas fazemos opção pelo termo permanência. Os educandos não se evadem, tem ausências temporárias. A problemática da evasão é vista pelo sistema educacional, mas do ponto de vista dos educandos da modalidade EJA representa uma segunda expulsão da escola, do que efetivamente evasão. Daí nossa opção pelo termo permanência. Nessa experiência a permanência é o nosso foco. O que nos leva a pensar em um conjunto de práticas teóricas/vivenciais significativas para os educandos que passa necessariamente pela valorização dos seus saberes entrelaçados com os saberes de vida deles, saberes

adquiridos astuciosamente e inteligentemente para resolver os desafios cotidianos da vida. São trabalhadores/alunos que ora estão empregados ou desempregados e que em alguns momentos, assumem diferentes papéis sociais trabalhador/trabalhadora, mulher/homem, mãe/pai, filho(a)(o), esposa(o) liberto(a)prisioneiro(a).

Esses papéis sociais assumidos pelos adultos e pelos jovens refletem na sua relação com a escola. O educando adulto é responsável por si, por outros e tem experiência de trabalho. Portanto, considerar alguns aspectos físicos, psicológicos e sociais é fundamental para a Educação de Adultos. Os papéis sociais que o adulto desempenha estão associados com certas ideias e atitudes que dificilmente conseguirão mudar. Além disso, o educando adulto apresenta em seu comportamento sentimento de medo de parecer ridículo ou de se expor ao fracasso, ignorância, angústia e inferioridade que geram situações que dificultam as relações e convívio no grupo. Somando a essas dificuldades que podem interferir na aprendizagem e nas relações interpessoais. O educando jovem que frequenta a EJA é um sujeito com uma história de vida que é única, diferente de outros da mesma idade, trazendo consigo uma condição de exclusão do sistema regular de ensino, seja por evasão ou retenção. Esse jovem, que busca ingressar no mercado de trabalho ou garantir o seu emprego entra na escola da EJA com o objetivo de concluir etapas de sua escolaridade, procurando melhores oportunidades de trabalho e pertencer ao mundo letrado. O educando jovem é um adolescente com baixa autoestima, rebelde, que não acredita em seu potencial. Existe uma multiplicidade de experiências entre eles. A classe social, condição étnica e de gênero, inseridos ou não no mercado de trabalho, orientação sexual, religiosa de cada jovem é diferente. O jovem, mesmo pertencente a um grupo com características em comum, ainda assim, são diferentes, não é uma massa homogênea, estão sempre em uma situação de vulnerabilidade. Ambos os grupos são todos aqueles que não lograram êxito na educação básica quando criança e adolescente ou não tiveram oportunidade de estudar, conseqüentemente, tiveram uma inserção no mundo social e do trabalho fragilizada, sendo que parte desse quantitativo adentrou em processos de extrema fragmentação da vida social a tal ponto, que muitos passaram da zona de vulnerabilidade para a de indigência. Contudo, o nosso olhar deve ser para a permanência desses educandos, valorizando justamente os modos de ser, adulto ou jovem em especial, olhar para as inteligências mobilizadas por eles na resolução dos seus desafios diários e assim, considerar seus saberes fortalecendo suas identidades.

Esses saberes devem ser o ponto de partida e de chegada para uma EJA de qualidade social, pois estaremos trazendo a vida popular através dos diferentes temas para a vida da escola. Nessa ação, nosso objetivo foi contemplar no currículo, temas relacionados aos sentimentos, integração do grupo, identidade e trajetórias escolares e de vida. Entendendo currículo aqui como tudo o que acontece na vida da escola. Currículo para SAVIANI (2016, p. 55-57).

currículo é tudo o que a escola faz(...)tal conceito representa, sem dúvida, um avanço em relação à noção corrente que identifica currículo com programa ou elenco de disciplinas.Mas apresenta, também, alguns problemas. com efeito, se tudo o que acontece na escola é currículo, se se apaga a diferença entre curricular e extracurricular, então tudo acaba adquirindo o mesmo peso; e abre-se o caminho para toda sorte de inversões e confusões que terminam por descaracterizar o trabalho escolar(...) se tudo o que a escola faz é importante, se tudo concorre para o crescimento e aprendizagem dos alunos, então tudo o que se fez é válido e a escola não deixou de cumprir sua função educativa. (...) definição de currículo acrescentando-lhe o adjetivo *nucleares*. com essa retificação, a definição passaria a ser a seguinte: *currículo é o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola*. (...) enquanto tais, são extracurriculares e só têm sentido na medida em que possam enriquecer as atividades curriculares, isto é, aquelas próprias da escola, não devendo, em hipótese alguma, prejudicá-las ou substituí-las.

Para fundamentar nossa reflexão, faremos menção, além de Saviani(2016), também as ideias de Freire (1989; 1993,1996). As ideias centrais são participação e diálogo. Categorias centrais do pensamento freireano. Para Freire (1993, p.73) “a participação enquanto exercício de voz, de ter voz, de ingerir, de decidir em certos níveis de poder, enquanto direito de cidadania”. Em outra obra Freire (1996, P.59-60) “a participação com vocação ontológica de intervenção no mundo (p. 59-60). Para Freire e Nogueira (1989, p. 62) “aqueles grupos se educavam na medida em que participavam mais e melhor”. Outro postulado Freireano é a valorização do diálogo, Para FREIRE (1997, p.109) “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo”. E complementa (1997, p1018 “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Portanto, o olhar desse trabalho foi nessa direção, dizer a nossa palavra, pois para Freire, segundo ZITKOSKI:

O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos *dizer o mundo* segundo nosso modo

Incentivar o diálogo e participação de forma a resgatar as trajetórias de vida dos educandos visando seu fortalecimento pessoal e social. A ideia inicial foi fazer uma escuta sensível qualificada promover e refletir sobre as referentes trajetórias e perspectivas

pessoais e sociais como ser social/histórico e essencialmente como ser pensante e transformador de sua realidade na perspectiva de sua permanência na EJA.

A importância de desenvolver essa ação acerca do tema: Diálogo e participação categorias essenciais à permanência dos educandos da EJA surge da necessidade de fazer uma escuta atenta, firmar parceria e desenvolver estratégias de permanência escolar, gerando o sentido de pertencimento a escola dos educandos da EJA através do diálogo, discussões em relação as inquietações, necessidades e desejos em relação ao espaço escolar.

Na nossa unidade escolar a EJA corrobora com o perfil dos alunos da EJA, acima citado, se apresenta com um público bastante diversificado, ou seja, adultos querendo resgatar o tempo perdido e recuperar seus estudos e jovens/adolescentes de 15 a 18 anos, deslocados para essa modalidade pelas múltiplas reprovações e desistências no ensino fundamental diurno, com dificuldades de aprendizagem e com problemas sociais e comportamentais. Com esse deslocamento dos jovens/adolescentes para a EJA surgem novos desafios para todos os profissionais envolvidos com a modalidade. Essencialmente no campo pedagógico, pois para esses jovens /adolescentes a EJA se caracteriza por ser mais uma oportunidade de continuar na escola. Entretanto, ao se deparar com essa realidade percebem que não se diferencia de suas outras experiências escolares.

Portanto, cabe aos profissionais envolvidos com essa modalidade conhecer esses educandos. E assim proporcionar uma experiência escolar diferenciada que busca valorizar seus saberes. Para isso os educadores devem priorizarmos um fazer pedagógico motivador, mobilizador e significativo para os educandos firmando parceria (educador/educando) e a construir nessa parceria uma relação de pertencimento à escola.

Desenvolvimento/metodologia/material

A nossa metodologia foi no formato de oficinas pedagógicas. O termo oficina pedagógica é usado por Freinet (1975) como situações de ensino-aprendizagem que envolvem professores e alunos num trabalho motivante e participativo. Deve ser compreendida como “(...) realidade planejada, em que as pessoas têm oportunidade de refletir, discutir, socializar e avaliar determinados temas e situações-problema.” (CHAVES; STORNI, 2002) citado por (MELO, NÓBREGA, BARROS, 2013, p.02)

Portanto, o caminhar metodológico dessa oficina se baseou considerando a experiência das pessoas com os objetos e a socializando dessas experiências. Sua

realização exige, pois, preparo teórico e técnico por meio das dinâmicas que a compõem, já que o processo de aquisição de conhecimento, neste caso, dá-se por meio de uma situação-problema apresentada aos sujeitos participantes da oficina. Acreditamos que os educandos da EJA podem, a partir de suas reflexões e de suas falas, em processo de catarse, ressignificar suas leituras de mundo por meio das oficinas pedagógicas. Para tanto, ao compartilhar suas experiências ressignificarão suas ideias, concepções sobre aprendizagens, conceitos e práticas vislumbrando sua inserção de pertencimento a escola.

Material: emojis de carinhas; Tarjetas com palavras; Data show; notebook; folder

PASSO A PASSO

Fazer uma divulgação da ação na escola todos os dias da semana de forma que a informação chegue para todos os alunos da EJA, pois, a maioria não comparece a semana inteira: Preparar o folder de divulgação e explicar o objetivo da ação: Incentivar a participação. Organizar as cadeiras da sala de aula em formato de círculo.

OBS: Primeiro trabalhar por grupos de alunos por sala. Em seguida trabalhar com o coletivo da escola (os alunos de todas as turmas)

GRUPO POR SALA DE AULA:

1º momento: Como estamos? Acolhimento aos participantes: Cada educando ao chegar à sala será convidado a escolher um desenho de uma carinha que expresse o seu sentimento naquele momento, será orientado a sentar-se no círculo. Em seguida, haverá uma roda de diálogo para que mostre a carinha escolhida dizendo como está seu sentimento naquele momento. Formando, então o Painel: **Como estamos?**

OBS: Ouvir e anotar os depoimentos para ser retomado nos diálogos posteriores.

2º momento: Dinâmica de apresentação com uma dança circular. Os participantes serão convidados a dar as mãos em círculo e serão convidados, A cada 05 apresentações faz a dança circular:” Nós te acolhemos, te damos espaço e caminhamos juntos”.

3º Momento: Formar o Painel. Como eu sou: Começaremos pela Leitura do texto **Pedro Bandeira:** Quem sou eu? Em seguida cada um (a) oralmente diz uma característica/qualidade marcante que gostaria que os colegas soubessem. O facilitador anota no painel.

4º Atividade em grupo: A ideia é motivar que eles contém outras trajetórias sociais. Em seguida daremos um tempo para em dupla ou trio eles construam um caso e contar

para turma que evidencie vivência e trajetória pessoal escolar e outras não escolar que influenciaram a descontinuidade dos estudos chegando na EJA.

Para isso, vamos começar exibindo o vídeo - Vida Maria. Em seguida reflexão coletiva. Na sequência, nos grupos distribuir os estudos de caso. Na ocasião irão ler e se pronunciar em cima das questões norteadoras.

Caso 1

Estudo de caso do aluno Gabriel, de 13 anos, estudante do 7ºano do ensino fundamental de uma escola pública de Belo Horizonte. Em conversa com a coordenadora pedagógica, foi relatado por uma das professoras desse aluno sempre se queixava de suas atitudes em sala. Segundo a professora, ele não realizava as atividades propostas, era muito distraído, apresentava dificuldades em diversas disciplinas devido à enorme dificuldade em ler e escrever, dificuldade de compreensão dos textos. E por não realizar cópias do quadro negro. Seu caderno possuía apenas algumas poucas anotações. Encontrávamos o aluno sempre pelos corredores da escola. Além de indisciplinado, rejeitado pelos demais colegas, enfim suspeitando-se, portanto, de uma ‘Dificuldade na Aprendizagem. A coordenadora chamou a mãe do aluno para colocá-la a par da situação escolar de seu filho e para saber se ela já havia notado alguma alteração em seu comportamento. A mãe relatou à coordenadora que o filho não queria ir para a escola porque uma das professoras havia dito que ele seria reprovado devido às suas notas baixas.

- Alguém já agiu assim em sala de aula, como Gabriel?

- Essa atitude dele é espontânea ou sempre por trás tem um problema-dificuldade que ele vivência no espaço extra escolar? Quais seriam essas dificuldades a partir de suas vivências?

- A coordenação agiu corretamente ao caminhar junto com a família/professora? Como você interpreta essa atitude?

- Esse tipo de comportamento acarretou diversas reprovações e interferiu na continuidade dos seus estudos na idade/ regular. E você como chegou na EJA?

6º momento: Para fechar as discussões o facilitador apresentará os Dados do IBGE sobre a Escolarização das pessoas acima de 15 anos ou mais. De forma a levar o grupo a pensar sobre a EJA como Direito, por isso deve ser pensada com qualidade para tender a esse público específico. Professores específicos pra a EJA, material didático para jovens e adultos. Organização da escola para atender esse trabalhador/aluno.

Atividade individual: A ideia é provocar cada um individualmente a escrever sobre si mesmo. O objetivo é traçar o perfil do grupo. E você como chegou na EJA? O que motivou você a estudar? Cada um anotará em uma folha. O facilitador recolherá as folhas.

7º momento: Encerrando as atividades. Cada pessoa será convidada a escolher uma fita e colocará no braço. O grupo será formado por 05 membros e por cores (azul, vermelho, amarelo, branco azul, verde e preto) a ideia aqui é trazer as trajetórias sociais

8º momento: Será exibido slide: a escola é... Em círculos ao som de uma música:

Como uma onda no mar(....) Tarjetas com as palavras do texto espalhadas no chão. Os participantes serão convidados a dar as mãos em círculo e serão convidados, a pegar uma palavra que chamar sua atenção (referente ao texto a escola é....). Em seguida deverá a palavra escolhida e dizer porquê. A cada 05 apresentações faz a música toca novamente.

Exibição slide Texto: A escola é. – Paulo Freire. Leitura compartilhada e reflexão sobre as ideias do texto.

Daremos um tempo para o grupo evidenciar trajetória escolar relacionada a nossa escola. Distribuir os casos por grupo em seguida orientar que discutam e respondam as questões? **Escola que temos – Escola que queremos**

Caso 2

Esmeralda mineira de Montes Claros. Foi criada pela avó que só colocou a menina na escola, quando ela já tinha 10 anos. Esmeralda parecia imensa ao lado de seus colegas de menos idade. Isso era motivo de muita gozação. A professora parecia ensinar bastante, mas ela aprendia pouco. Foi reprovada duas vezes na mesma série e sua avó achou que ela não dava para o estudo. Casou com 16 anos e logo vieram os filhos: Jacira, Helena, Selma, Geraldo, Benedito, Graça e Aparecida. Cuidar da casa e dos filhos consumiu todo seu tempo. Mas, os meninos foram à escola: Graça é professora, Benedito e Geraldo são motoristas, Jacira trabalha num escritório como secretária e Aparecida está no colegial. Com os filhos criados e viúva, Esmeralda descobriu que podia realizar um dos seus sonhos: ir à escola para aprender o que sempre quis: ler, escrever, entender tudo que escuta, fazer as contas do que gasta e muitas coisas mais. Ajudada pelos filhos saiu à procura da escola mais perto de sua casa. E está muito feliz, dizendo que estudar “é melhor do que podia imaginar”

Caso 03

Josué tem 17 anos, nasceu num povoado perto de Paulo Afonso, no norte da Bahia. É o quarto dos seis filhos de um pequeno sitiante conhecido como Dô e de Das Dores, uma mulher decidida, que acompanha o marido, todos os dias, no serviço da roça. Josué não foi à escola quando criança porque a família precisava da ajuda dele no cuidado com os animais: algumas galinhas, alguns porcos, dois cavalos e três vacas. Os irmãos mais velhos aprenderam a ler com uma professora que morava no povoado. Quando chegou a vez de Josué, a professora mudou de cidade e a escola mais próxima ficava muito longe. O irmão mais velho resolveu procurar trabalho numa cidade com mais recursos e foi para Itabuna. Josué, que na época tinha 14 anos, foi junto. Sem encontrar emprego, mudaram para Vitória da Conquista. Lá o irmão trabalha como pedreiro e, dependendo do serviço, leva Josué para ser ajudante. Perto de onde moram há uma escola que todas as noites enche de jovens. Josué se animou porque sentia na pele como é dura a vida de quem nem sabe ler. Ele é agora um aluno da EJA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O dados abaixo, foi uma das produções que consideramos de grande valor social, demonstrando a importância da participação de todos na demanda de futuras oficinas, dando continuidade ao diálogo, ampliando com outros segmentos da escola: Direção, equipe técnica, secretaria, inclusive a propostas a própria secretaria de educação, caso, a EJA seja vista respeitando sua especificidade. A demanda proposta pela equipe provocou todos se verem de forma individual e coletiva.

ESCOLA QUE TEMOS:

Precisamos de limpeza no colégio e na sala de aula; A bagunça está demais. Quem não quer estudar fica em casa; Temos diretor e supervisora; Falta segurança no colégio;

Temos professores ótimos e boas aulas; Positivos: Gostamos do ensinamento dos professores; Gostamos da organização da direção.

Negativo: A limpeza dos banheiros; Ventiladores quebrados; quadros estão quebrados; As carteiras e salas sujas; banheiros sem descargas;

Precisamos que os alunos respeitem a direção os alunos ficam brincando o tempo todo com eles; Temos tudo e não temos nada, temos professores que concordam com a gente sobre a merenda que tem tudo mas falta algumas coisas. A alimentação, tem pessoas que tem diabetes, as comidas não são adequadas; Precisa melhorar os horários dos professores, temos muitas aulas vagas, se não tivéssemos tanta aula vaga a escola seria melhor; Professores, será que todos os professores são iguais?

Conversamos sobre as dificuldades que encontramos: Primeiro muito lixo; os banheiros sujos da tarde para a noite; não estão varrendo na parte da noite; nós damos boa noite quando chegamos e muitos que estão na secretaria não responde, fazem de conta que não ouviram;

Gostamos dos professores e dos funcionários, eles nos tratam bem. Temos alguns aspectos: Como os quadros das salas danificados e precisam de reparos, ventiladores quebrados; as carteiras quebradas e banheiros que precisam de cuidados; As salas estão sujas; Janelas que não abrem; o lanche tem dia que é bom; Temos ótimos professores, também temos professores ruins; a merenda precisa melhorar; A água não é tratada; quadro quebrado; Sempre ou a maioria das vezes só temos 02 ou 03 aulas, isso faz com que a gente se atrase mais; Temos boas amizades, bons professores; gostamos das colegas; a direção está de parabéns, vivemos cansadas, mas a escola é uma terapia e da

aprendizagem gostamos muito. Escola que não tem respeito com ninguém tem que respeitar os homossexuais; o diretor faz os alunos de palhaço;

A ESCOLA QUE QUEREMOS

Ventiladores funcionando e limpos; Segurança na escola; patrulha escolar;

Os alunos respeitar mais o diretor; Quadros e ventiladores novos;

Material escolar; Precisamos que a escola esteja mais limpa, principalmente as salas de aula e as carteiras; Queremos mais silêncio na sala de aula;

Limpeza nos banheiros que todos são gentes; Alunos com mais disciplina na sala de aula para não atrapalhar os colegas que querem estudar; o bom comportamento depende de cada um; Queremos mais respeito com os homossexuais também na sala de aula e nos intervalos. Eles tem os mesmos direitos; queremos a patrulha escolar porque as vezes acontecem coisas e as pessoas não veem; Fardamento escolar; a frequência dos professores; os professores tem que ter mais paciência com os alunos; o material escolar demora a chegar; uma boa relação entre aluno e professor; Informática; Solicitamos que faça uma faixa de pedestre (lombada- girador) na frente da escola; Que os professores tenham paciência com os alunos, são eles que dão exemplos; que a diretora ou diretor se apresente mais no colégio; precisamos de limpeza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, observou-se que essas ações representaram um aprendizado coletivo através do viés formativo vivencial ressignificando história pessoal e coletiva na perspectiva de uma formação indetentária, enquanto educando da EJA.

Sendo a educação um processo inacabado, o saber ocorre ao longo do percurso do caminho e na EJA essas vivências por si só já se transformam em saberes ao caminhar. Cada educando tem sua história para contar, seu conhecimento prévio adquirido na vida. E, nesse trabalho, foi de suma importância perceber novos e velhos conceitos se afirmarem como saberes necessário a esses educandos. Bem como, desafiar a todos educando e educadores a uma metodologia viável a construção de conhecimento a partir de sua realidade foi possível vislumbrar novos temas para futuros projetos e novas aprendizagens com ampliação do conhecimento de mundo e aperfeiçoamento nos diferentes momentos vivenciados .

O conjunto das ações desenvolvidas dar visibilidade as práticas efetivas de educadores atuante na modalidade EJA, provocando-os como formador de cidadãos cômicos de seu papel na sociedade. Nessa ação foi importante visibilizar que o formato de educação para adultos aqui descrito perfaz-se de uma prática pedagógica pautada em bases crítico-reflexivas que pretendeu oportunizar mudanças qualitativas na escola da EJA pelo reencaminhamento de uma prática pedagógica fundamentada no conhecimento dos educandos. Com estas considerações, registramos os processos que se concretizaram por meio de atividades estimular o aluno, elevar sua autoestima, criatividade e motivação, o que requer mecanismos e práticas pedagógicas adequadas, peculiares a essa modalidade

Os fatos aqui relatados, apesar de apontarem alguns elementos formativos no âmbito da escola, apontam também para a necessidade de aprimorar as ações que contribuam efetivamente para melhorar as intervenções dos professores na sala de aula da EJA, a exemplo da formação que deve ser feita de forma contínua e pautada em currículo aberto dando ênfase as temáticas do cotidiano dos jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloísa Melo. CHAVES, Gislaine da Nóbrega. SOUZA, Liliane de Barros **O conceito de gênero na visão de professoras e professores da região do vale do Mamanguape-PB**. Disponível em:

<http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/4CCAEDPROBEX2013614.pdf>. Acesso em 12 de Jun. de 2017.

BRASIL, MEC, Cadernos da EJA- **ALUNAS E ALUNOS DA EJA**, Brasília – 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf. Acesso em 15 de Mai de 2020.

BANDEIRA, Pedro. **Literatura Em Minha Casa, Palavras De Encantamento, Poesias**, Editora Moderna, Ministério da Educação, FNDE.

OFICINA PEDAGÓGICA. Disponível em:

http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/20110301185bfa670068d466cf20d179/O_que Oficina_Pedagogica.doc

SAVIANI, Dermeval. **Educação Escolar, Currículo e Sociedade: o problema da base nacional comum curricular**. Disponível em

<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32575-https://doi.org/10.22409/mov.v0i4.296>

WEYH, Cênio. (2008) **Participação (verbeta)**. In D. Streck, E. Redin, & J. J. Zitkoski (org). Dicionário Paulo Freire (pp. 500-501). Belo Horizonte: Editora Autêntica.

ZITKOSKI, Jaime José (2008) **Diálogo/Dialogicidade (verbete)**. In D. Streck, E. Redin, & J. J. Zitkoski (org). *Dicionário Paulo Freire* (pp. 198-199). Belo Horizonte: Editora Autêntica.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Christianne Nogueira Donato Formiga

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre a Educação de Jovens e Adultos, conhecer um pouco da sua história, como é abordada na legislação e o perfil desse estudante. Para isso, serão usados os fundamentos de Freire (1996) Anzorena e Benevenuti (2013), Brasil (1996) e alguns artigos científicos eu tratam do tema. A pesquisa bibliográfica proporcionou conhecer um pouco da EJA, as razões pelas quais os alunos abandonam os estudos, bem como a necessidade de um aperfeiçoamento na formação dos profissionais da educação para lidar com a realidade imediata dessa clientela.

Palavras-chave: EJA; Freire; Educação.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que nem todas as pessoas têm a mesma oportunidade de estudar nem concluir os estudos, seja por que precisa trabalhar, seja pela falta de transporte, problemas financeiros, entre outras dificuldades que as assolam. É nesse contexto que a Educação de Jovens e Adultos surge, a fim de que a educação alcance todos aqueles que não tiveram acesso à escola na idade própria.

É necessário, portanto, que os sistemas de ensino ofereçam essa modalidade de educação com qualidade, assim como prepararem profissionalmente os docentes para atuar no processo de ensino-aprendizagem da EJA. Conhecer a realidade dos alunos é tarefa básica para oferecer um ensino que vise contribuir para permanência deles e evite a evasão escolar, pois como diz a LDB em seu artigo 37º (BRASIL, 1996):

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.”

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais

apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

É de se questionar a atuação dos docentes e o posicionamento das instituições nesse segmento de ensino, já que nota-se que quase não se vê a aplicação de tais condições. Na maioria das vezes, o que vemos são aulas tradicionais, ensino homogêneo, que não considerara a diversidade cultural dos discentes.

Assim, a finalidade do trabalho é expor as dificuldades, ou seja, os motivos pelos quais os alunos não continuam e não completam a escolaridade básica, também discorrer sobre a pedagogia de Paulo Freire na alfabetização de adultos, assim como, conhecer o perfil desse jovem e adulto que almeja à continuidade dos estudos.

2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação de Jovens e Adultos é classificada como uma modalidade do ensino fundamental e ensino médio da educação básica. A EJA surge para dá chance às pessoas que não puderam continuar os estudos na idade apropriada e visa garantir o direito àqueles que são, de alguma forma, excluídos da escola, mas nem sempre foi assim. Muitas foram as mudanças e tentativas de coibir o analfabetismo no país. Por isso, veremos como se deu alguns desses avanços, então, iremos percorrer um pouco desse caminho.

2.1 MOBREAL

Antes da consolidação da EJA, houve o surgimento da lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, responsável pela autorização e a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), destinado às pessoas com idade entre 15 e 30 anos. Focado na aquisição de leitura, escrita e cálculo, esse movimento tinha como finalidade fornecer ao seu público-alvo meios para atuar em sociedade como cidadão. O método de Paulo Freire, que despertaria o senso crítico, não era utilizado nessa época, pois a ditadura controlava e ditava o que deveria ser ensinado, não existia a “liberdade de expressão”.

2.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E AS LEGISLAÇÕES

Antes da atual LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as diretrizes e bases para a educação nacional, substituindo a Lei nº 5.692/71. O Ensino

Supletivo é substituído pela definição de Educação de Jovens e Adultos a partir desta nova LDB. “Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas [...]” (LDB,1996) É de se levar em consideração os interesses desse aluno, suas condições de vida, de trabalho, “mediante cursos e exames.” Como Freire (1996, p. 70) fala, o professor deve conhecer e se apropriar da realidade do aluno, para que, de fato, a aprendizagem aconteça de forma eficaz:

“É preciso agora saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela”. (FREIRE, 1996, p. 70)

Para a realização do exame supletivo de Educação de Jovens e Adultos, alunos maiores de quinze anos para quem concluiu o ensino fundamental, e maiores de dezoito, ensino médio, conforme expresso na LDB, art.º 38. Pela Constituição de 1988, artigo 208º “o dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: Ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos aqueles que não tiveram acesso na idade própria [...]”

Somam-se à LDB vários pareceres, resoluções e portarias sobre a Educação de Jovens e Adultos, direcionados aos que não completaram a escolaridade na idade apropriada. Por isso, a implantação desses programas visam dar oportunidades de reingresso no banco escolar. São eles: Parecer nº 05/97 do Conselho Nacional de Educação; Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000: define as diretrizes curriculares nacionais para EJA; Portaria nº 77, de 16 de agosto de 2002: regulamenta o Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos – ENCCEJA; Parecer CNE/CEB nº 11/2000, de 10 de maio de 2000.” Segundo Anzorena e Benevenuto (2013, p. 45):

Reforçamos: a EJA não é um programa, um projeto, é uma modalidade de ensino da educação básica, nas suas etapas Fundamental e Médio. O termo modalidade provém do “[...] diminutivo latino de modus (modo, maneira) e expressa uma medida de uma forma própria de ser. Ela tem, assim, um perfil próprio, uma feição especial diante de um processo considerado como medida de referência. Trata-se, pois, de um modo de existir com característica própria” (BRASIL, 2000).

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) fornece recursos à EJA pela sua vinculação à

Educação Básica. São fornecidos 15% da arrecadação de impostos, como ICMS e IPVA repassados aos estados e municípios. O valor destinado a cada aluno varia conforme o nível de ensino, que vai da creche ao Ensino Médio, e por região onde mora. No artigo 24º tem-se:

§ 13. Aos conselhos incumbe, também, acompanhar a aplicação dos recursos federais transferidos à conta do Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar - PNATE e do Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos e, ainda, receber e analisar as prestações de contas referentes a esses Programas, formulando pareceres conclusivos acerca da aplicação desses recursos e encaminhando-os ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. (FUNDEB, 2007)

As políticas públicas também é um caminho primordial para o avanço da alfabetização entre essas pessoas, assim como o empenho de todo o contexto escolar e o governo. Essas atitudes referem-se não só à formação para o trabalho; vão desde o currículo da EJA, horário de oferta do curso, a formação do cidadão articulada à cultura, a contemporaneidade.

Vale salientar que a EJA surgiu como alternativa à qualificação de mão de obra, visando atender à demanda industrial, nela sua principal função era formar indivíduos para a produtividade, que agissem como “máquinas”, sem voz, sem opinião. Nesse período, a única ideia de formar cidadãos críticos partiu do educador Paulo Freire, após ele, inúmeros programas de EJA, foram desenvolvidos, mas não eram reconhecidos pelos governantes, pois visavam os seus próprios interesse, que era manter a mão de obra.

3 OS SUJEITOS DA EJA

O perfil dos sujeitos da EJA “são jovens, adultos e idosos entrelaçados por questões intergeracionais e histórias de vida distintas.” (MOURA; SILVA, p.13, 2018). Ainda afirmam as referidas autoras:

“Mas, esses sujeitos não são apenas diferentes em suas experiências e faixa etária. Eles fazem parte de um grupo que, em algum momento de suas vidas, distanciou-se do contexto escolar em vista de sua inserção no trabalho, da evasão escolar, repetência ou outros fatores excludentes [...]”

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos têm algumas características em comum como o abandono dos estudos para trabalhar e dar sustento à família, falta de incentivo em prosseguir na escola, tipos de violência, sendo a faixa etária apenas um detalhe.

“O adulto, diferente do jovem que tem um olhar para o futuro, possui interesses voltados para o presente. Sua preocupação está atrelada a melhorias e segurança na vida profissional que são reflexo de suas responsabilidades com o sustento da família e educação dos filhos. Além disso, há uma cobrança social em relação às etapas que devem ser cumpridas pelos sujeitos adultos para que sejam considerados “bem sucedidos na vida”.” (MOURA; SILVA, p.16, 2018)

[...] geralmente, o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar. [...] E o jovem [...] não é aquele com uma história de escolaridade regular. [...] São alunos com perfil de analfabetos funcionais (possuem menos de quatro anos de estudo; incapazes de interpretar o que leem); jovens de origem urbana e veem na EJA uma oportunidade de concluir seus estudos (OLIVEIRA, 1999, p. 59)

Eles, antes de tudo, carregam em si muita força por enfrentar essa dura realidade: a cobrança da sociedade de uma instrução, até por que, hoje é necessário ter conhecimentos básicos, por exemplo, saber ler, escrever e fazer uso dos cálculos, das quatro operações matemáticas, no mínimo, para viver no mundo contemporâneo e conseguir empregos.

A mulher recebe uma atenção especial quando se trata de reduzir o analfabetismo no país, visto que, mais de vinte anos que não havia crescimento da alfabetização entre o sexo feminino. Também, pelo fato de que esse gênero, antes, era ainda mais estigmatizado, então, o processo de escolarização era concentrado no homem. Segundo Anzorena, Benevenuto (2013) apud Menezes, Machado e Nunes, foi pela 1ª Lei de Instrução Pública do Brasil, de 1827, que acontece a inserção das mulheres no campo da educação formal, mesmo sem ser obrigatória.

Sabendo quem são os sujeitos da EJA, veremos um pouco sobre a sua diversidade.

3.1 A DIVERSIDADE DOS SUJEITOS DA EJA

Como educadores, é extremamente necessário conhecermos a diversidade desses alunos, desde sua cultura, suas deficiências, seja físicas, seja intelectuais. É de grande relevância respeitá-los e ter sensibilidade para lidar e proporcionar uma educação direcionada ao objetivo de aprender.

Em nosso país essa diversidade é composta por: jovens, adultos e idosos, migrantes e imigrantes, pescadores, aquicultores, agricultores, assentados do movimento sem terra, indígenas, quilombolas, jovens do centro de internação provisória, privados de liberdade, pessoas com deficiências e síndromes, ciganos, aos quais também se integram as questões linguísticas, de gênero, religião, raça e etnias (ANZORENA, 2010). Como dizem: há muitos “Brasis” dentro do Brasil. Nos próximos subtópicos aprofundaremos alguns desses grupos.

Sobre as pessoas portadoras de necessidades especiais a Constituição de 1988, em seu artigo 205º, alcança ao afirmar que a educação “é direito de todos e dever do Estado e da Família”. Da mesma forma têm as políticas públicas educacionais que se encarregam dessa universalidade como a LDB (9394/1996).

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida (BRASIL,2020)

Dessa forma, a escola deve dispor de salas multifuncionais e professores especialistas para receber alunos portadores de necessidades especiais da EJA, assim como ocorre no ensino regular. Sempre que não for possível integra-los por suas condições específicas, deve preferencialmente coloca-los na escola regular, justamente para não excluí-los dos demais.

Partindo da ideia de educação como processo de humanização, pela sua concepção pedagógica, Paulo Freire concede a Educação Libertadora, na década de 60. Essa concepção atribui ao sujeito a emancipação, tendo em vista sua situação de oprimido. Aqui, o processo educativo prepara o sujeito para transformar a sua própria realidade. Para o referido autor, o núcleo de seu pensamento é uma educação não-neutra, a qual prevê-se a atuação do homem sobre a realidade pela ação e reflexão.

Ele concebe a educação como problematizadora, a qual medeia a transformação de vida do aluno com o despertar do senso crítico por meio do diálogo, conhecido por princípio da politicidade.

A educação “bancária”, a qual o professor tem o papel de transmitir os conteúdos sem relação com a realidade dos sujeitos, era a grande inquietação de Freire (1987). Nessa educação, o aluno tem o pensar mecânico e sem reflexão. Ao contrário disso, o pensamento freireano procura por uma educação que amplie a visão de mundo, que transforme a consciência do educando.

A educação libertadora produz o entendimento do aluno sobre o mundo em que habita e defende a troca contínua de conhecimento entre o professor e o aluno. Tendo a liberdade como escudo, vem para levar o sujeito a manifestar sua insatisfação e buscar pela transformação.

Para Freire (2002), a educação é a preparação para a vida, que corresponda a plena formação como cidadãos, garantindo valores e atitudes, atrelados a uma proposta pedagógica libertadora, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

5 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

No cotidiano escolar são muitos os desafios enfrentados pelos alunos dessa modalidade: a diferença de idades, as dificuldades de manter boas relações entre os demais, a superação do analfabetismo digital, ou seja, dificuldade do manuseio das novas tecnologias, o cansaço, pelo trabalho doméstico, ou trabalho formal, a formação profissional especializada dos professores para atuarem na EJA, tempo escasso para dedicação aos estudos, metodologias inadequadas que não ajudam na aprendizagem.

Outra questão é o estudo apenas da leitura, escrita e cálculos, um currículo bastante tradicional que não oferece a aprendizagem de conscientização dos problemas

sociais, uma necessidade hoje é que a pedagogia parta da própria realidade dos alunos para o despertar do senso crítico.

O contexto escolar da EJA, formado por sujeitos advindos de realidades distintas, sobreviventes no mercado de trabalho, alguns possuem família estruturada e assumem responsabilidades que os impedem a uma dedicação total aos estudos. A escola, no entanto, precisa descortinar-se de velhos paradigmas e oportunizar condições possíveis de desenvolvimento além de adquirirem habilidades e aptidões, tornando-se melhor informados sobre os direitos e deveres no exercer da cidadania posteriormente. (DELGADO; FELICIANO; FERREIRA, p.11, 2017)

A escola deve ter recursos e preparação para receber e lidar com essa demanda de alunos que possuem a realidade de trabalhar, quase sempre por oito horas diárias e ainda ter que ir à escola para aprender.

Nem sempre os jovens e adultos tiveram seus direitos de escolarização garantido e expressos em lei, de forma que atendessem as suas necessidades, na verdade, foram muitos desafios enfrentados para chegar ao que é hoje, já que antes não possuía nem formalização.

Ter uma cultura letrada no Brasil é o que fez superar tantos obstáculos. Como garante a Constituição, em diálogo com a LDB - a educação como direitos de todos.

O acesso dos jovens e adultos à escola significa inclusão, o conhecimento é poder, sabendo de seus direitos e deveres, o aluno irá se emancipar, desenvolverá sua autonomia para atuar em sociedade, nas diversas situações que ele se deparar no seu dia a dia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de Jovens e Adultos não é simples de trabalhar, visto que é preciso muito comprometimento, pois a matrícula não é obrigatória, assim, o jovem ou adulto é facultado a manter-se matriculado na instituição de ensino, ao contrário dos demais alunos do ensino básico. Ou seja, eles não são penalizados pela quantidade de faltas acima do percentual, por isso, exige-se desse adulto um bom planejamento e a motivação nos estudos.

Uma mudança no cenário educacional tem deixado a desejar, na sala de aula eles devem se sentir acolhidos. Temos que pensar em estratégias que proporcionem conhecimentos significativos à vida do aluno, utilizar as vivências, com foco no

planejamento da aula: com início, desenvolvimento e conclusão, com criação de projetos culturais, diálogos, discussões, ou seja, aula ativa sobre a própria realidade dos jovens e adultos.

Contudo, vale salientar que mudanças na educação ocorrem frequentemente, como vemos nas legislações, tais como a aprovação da BNCC, as atualizações da LDB, inclusive no ano de 2019. Os sistemas de ensino, vem tentando adequar-se às novas necessidades da educação, mesmo sem grande efetividade, com ênfase na formação docente, preparando-os para a atuação especializada na modalidade EJA, por exemplo, objetivando atender a legislação e seus objetivos.

REFERÊNCIAS

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 dez. 2020.

_____. Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111494.htm. Acesso em 9 dez 2020.

ANZORENA, Denise Izaguirre; BENEVENUTTI, Zilma Mônica Sansão. Educação de Jovens e Adultos. Indaial: Uniasselvi, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FELICIANO, Creuza Bonono; FERREIRA, Denilza Oliveira Costa; DELGADO, Omar Carrasco. O Perfil E Os Desafios Enfrentados Pelos Alunos Da Educação De Jovens E Adultos– Eja. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/o-perfil-e-os-desafios-enfrentados-pelos-alunos-da-educacao-de-jovens-e-adultos-eja.pdf>. Acesso em 9 dez 2020.

MOURA, Vera Lucia Pereira da Silva; SERRA, Prof (a). Maria Luiza A. A. Educação De Jovens E Adultos: As Contribuições De Paulo Freire. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_33_1426693042.pdf. Acesso em 9 dez 2020

NASCIMENTO, SANDRA MARA DO. Educação De Jovens E Adultos Eja, Naoliveira Visão De Paulo Freire. Monografia De Especialização Paranavaí-Paraná 2013.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 12, set./out./nov./ dez. 1999.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

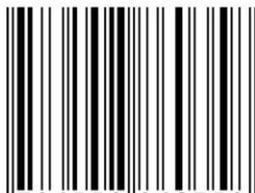
Este ebook tem como proposta principal discutir a importância de Freire para a Educação de Jovens e adultos, buscando apresentar categorias freirianas e suas contribuições para a sala de aula da EJA. De acordo com a LDB-96 afirma que” § 2o Os sistemas de ensino dispõem sobre a oferta de educação de jovens e adultos e de ensino noturno regular, adequado às condições do educando,” nesse sentido, o que se observa é que este preceito não é atendido, temos um modelo de ensino que não atende às reais necessidades dos alunos, de modo a contribuir com a não permanência do aluno, colaborando, assim, com salas vazias, e com o grande número de alunos evadidos.

Apontamos como principal problema além da falta de estrutura dos espaços educacionais para atender a esta demanda, temos um público heterogêneo, que reflete a desigualdade social, público este, composto por diversas faixas etárias e níveis de escolaridade, que quase sempre, teve de se ausentar da escola para buscar a sobrevivência por meio do trabalho, nesse sentido, cabe a escola proporcionar a estes alunos marginalizados socialmente, condições de permanência para que possam concluir seus estudos e, assim, galgarem novos caminhos em prol do protagonismo desses jovens e adultos que buscam vencer seus obstáculos diários e ao final do dia chegam à escola com o sonho e concluir seus estudos.

Nesse sentido, trazer Freire para o debate na EJA é refletir sobre os alicerces que deveriam estar este modelo de ensino, compreendendo o aluno, com um outro que está ali, não só para ser apoiado, a partir das suas especificidades, mas, sobretudo, para aprender o que lhe foi renegado em sua idade certa. Trazer Freire para o debate é pensar a educação ao longo da vida, é refleti-la a partir de uma prática libertadora, garantindo um direito constitucional, o de aprender.



ISBN 978-65-5886-035-8



9 786558 860358